

Ressonância afectiva, apelo ético, estilo relacional

Traços de uma fé viva e visível
(P. Sequeri, A. Rizzi, C. Theobald)¹

JOSÉ FRAZÃO CORREIA

Doutorado na Universidade Gregoriana, Roma

Começo e horizonte

A “composição” do lugar que habitamos e do tempo presente que vivemos forneceu o enquadramento cultural e eclesial e desenhou o ponto de observação para o conjunto da dissertação. Num contexto histórico que tem tornado particularmente difícil a geração, o exercício e a transmissão da fé cristã, a questão da sua vivência e da sua visibilidade conduziram-me à constelação formada pelos teólogos Pierangelo Sequeri (teólogo italiano, padre da diocese de Milão, nascido em 1944), Armido Rizzi (teólogo italiano, leigo, nascido na região de Pavia, Itália, em 1933) e Christoph Theobald (jesuíta da Província francesa, nascido em Colónia, Alemanha, em 1946). Com os três autores, quis compreender de que modo a *ressonância afectiva*, o *apelo ético* e o *estilo relacional* podem ser considerados traços, de

¹ O presente artigo reproduz o texto de apresentação da dissertação de doutoramento em teologia, escrita em italiano, tendo como título original *Risonanza affettiva, appello etico, stile relazionale. Trattati di una fede vivibile e visibile* (P. Sequeri, A. Rizzi, C. Theobald). Foi defendida publicamente na Universidade Gregoriana, Roma, no dia 22 de Março de 2010. Da comissão de avaliação fizeram Michael-Paul Gallagher (Presidente), Elmar Salmann (Director de Tese) e Carmelo Dotolo (Segundo Leitor).

facto, significativos e operativos de uma fé que, dispondo ao mistério de Deus e à Sua graça, não dispõe menos à confiança mais elementar na existência e à tarefa exigente que esta é para cada um. Paralelamente, quis evidenciar como a insistência nestes traços pode favorecer a necessária reparação da “corrente de transmissão” que, pela experiência de fé, faz comunicar, de forma íntima, o evento cristão e a experiência humana elementar.

Motivos

Foram diversos os motivos que me conduziram ao tema:

1. *Motivo prático-pastoral*: a persuasão de que, hoje, a geração, o exercício e a transmissão da fé cristã não poderão deixar de ter em conta três elementos. a) *O impacto e a mediação afectiva da fé*: sem a persuasão de um “toque” ou de um “sabor” afectivo que acompanhe a proposta da fé, esta terá hoje grande dificuldade em mover existências biográfica e historicamente situadas. b) *A salvaguarda da força profética da fé, associada à respectiva rectidão ética*. A facilidade de ceder a discursos e a práticas que correspondem melhor a vagas necessidades de espiritualidade, desemboca facilmente num registo intimista, etéreo e individualista, que se revela irrelevante e estéril. Por isso, este elemento impõe-se como necessário contraponto ao anterior. c) *A atenção a um estilo de vida eclesial que seja coerente com o Evangelho e persuasivo numa sociedade aberta e plural*. Penso no modo como se vive a fé em comum, numa sociedade que, efectivamente, já não se compreende como cristã. Se é verdade que, para muitos, há conteúdos dogmáticos e morais difíceis de compreender, de aceitar e de pôr em prática, antes de mais, é o modo de fazer da instituição eclesial que parece afirmar-se entre os aspectos mais problemáticos. Por isso, o tema da fé não poderá evitar confrontar-se, de modo sério, com o modo de fazer e de viver do corpo eclesial.

2. *Motivo bíblico-fenomenológico*: a premissa e a promessa bíblica da afinidade radical entre a fé em Jesus de Nazaré e aquilo que vivemos de mais elementar enquanto seres humanos. Uma premissa e uma promessa que, porém, permanecem ainda e sempre por realizar.

Acompanhando a leitura que o jovem teólogo G. C. Pagazzi faz de alguns textos bíblicos, registo como, na história de Jesus de Nazaré, os lugares e os ritmos da nossa humanidade são o *locus* real e insubstituível do contacto radical e definitivo que se realiza entre o Filho de Deus e a humanidade. É a própria narrativa bíblica a convidar a teologia e as práticas crentes a acolher a forma, a força e o estilo do contacto de Jesus de Nazaré com a história biográfica de homens e mulheres e a ter presente como, de facto, é assim que diz e realiza Deus como nossa salvação.

Colhendo a lição do pensador beneditino E. Salmann sobre os mistérios cristãos e o acto de fé, sublinho como a vida humana elementar (nascimento e morte, vínculos e geração, culpa e perdão, amor e violência, trabalho e repouso, etc.) contém já em filigrana quanto a fé cristã professa, celebra, pensa e realiza. E, paralelamente, como o cristianismo é a *lectio difficilior* do humano: implica todas as suas dimensões, alargando-as e potenciando-as, quase até ao limite das suas possibilidades, mas sem deixar de contrariar e de corrigir as suas múltiplas formas de alienação e de corrupção.

3. *Motivo crítico-epocal: a evidência histórica* da outra “face da moeda” do motivo anterior. Ou seja, a constatação de que, hoje, no Ocidente, «a “corrente de transmissão” entre fé cristã e vida quotidiana se gastou ou até mesmo se partiu» (E. Salmann). A afinidade entre os dois âmbitos deixou de ser culturalmente evidente, pessoalmente desejável, existencial e comunitariamente operativa. A paisagem dos mistérios cristãos aparece hoje como terra estranha, incapaz de atrair e de incidir sobre a vida quotidiana.

4. *Motivo kairológico*. Diante deste quadro, poderemos ceder ao lamento, dando voz à saudade de um passado imaginado como mais favorável para a fé e pretensamente mais autêntico do ponto de vista cristão. Ou então, como procuro fazer, poderemos enfrentar este contexto como «possibilidade boa» (C. Dotolo – G. Vattimo) para repensar e para refazer a profunda afinidade entre o âmbito da fé e a salvaguarda do (que é) “humano”.

É este quadro prático-pastoral, existencial e teológico que me orienta para a leitura de Sequeri, Rizzi e Theobald. Partindo da avaliação que cada um faz do momento presente, procuro clarificação fenomenológica, exploração teórica e aberturas práticas no que se refere ao acto de crer, àquilo que poderemos identificar como constitutivo da nossa humanidade e à afinidade entre os dois campos.

A aproximação dos três teólogos é, porém, algo de improvável, precisamente porque cada um reflecte patrimónios, afinidades e horizontes de pensamento muito distintos. No entanto, pareceu-me promissor tentar mantê-los numa *sequência e numa tensão fecunda*, de modo a que as diferentes posições possam corrigir-se, completar-se e aprofundar-se reciprocamente.

Com esta metodologia, e sem deixar de ter consciência dos seus riscos, assumo, conscientemente, a fecundidade do pluralismo actual. A opção resulta, antes de mais, da progressiva confirmação de que, para dizer o essencial do “humano”, dos mistérios e da realidade cristã, não nos basta, nem um único ponto de vista, nem a simples síntese dos vários pontos de vista em jogo. Sustentar positivamente a *complementaridade* de perspectivas diferentes sobre um mesmo tema, significa afirmar que, exactamente na *tensão*, isto é, no espaço desenhado entre as partes implicadas, pode nascer algo de novo e de maior que, no final, redesenha e reordena cada parte. Precisamente, porque se reconhece um excesso e uma abundância que relativiza e que enquadra cada particularidade. Em segundo lugar, considero que, hoje, aprender a gerir a tensão entre diferenças e unidade, sem cair, nem na separação relativista (fragmentação que nega a possibilidade de unidade), nem na falsa e estéril homogeneidade (fusão que anula as diferenças), se torna um princípio mínimo de convivência.

Se a opção metodológica para a escolha dos autores foi a diversidade das respectivas posições sobre o tema de fundo, importa recordar que é a fisionomia de cada um que desejo colher em primeiro lugar. Por isso, cada capítulo pode ser tomado, por si mesmo, como quadro de uma paisagem descrita a partir de um olhar de simpatia. O tríptico será constituído no final. Recordo que não tomo os autores como adversários, mas, antes, como aliados numa causa comum. Neste sentido, entendo oferecer uma sinopse de três quadros teológicos complementares, de modo a recolocar, criticamente, em jogo o cuidado pela fé e pelo “humano”, num tempo que torna particularmente difícil a compreensão e actuação da respectiva afinidade.

Mapa

O primeiro capítulo – *Composição de lugar. Motivo, ambiente, questão* – pretende situar o texto no pré-texto prático-pastoral, bíblico e antropo-

lógico, sublinhando os traços principais do contexto cultural actual e o desafio que este coloca ao cristianismo. Apresento os motivos e as questões que cedem o passo e dão a palavra aos interlocutores principais da tese.

Os três autores mencionados são apresentados em três *Quadros*.

Quadro I: A ressonância afectiva e a disposição prática da fé em P. Sequeri entra no pensamento do teólogo milanês, assumindo a conjectura de que as categorias de *ressonância* e de *infra-estrutura* condensam o seu projecto teológico de identificar no tema da fé o que é realmente singular no cristianismo e na identidade do “humano”. Registo a pertinência teológica e a relevância cultural de voltar a apreciar a qualidade estética, ética e religiosa de quanto ressoa afectivamente junto da consciência e de quanto tem a força de implicar e de mover a liberdade no dinamismo humano da confiança.

Quadro II: O apelo ético e a instância profética da fé em A. Rizzi expõe um pensamento caracterizado por um estilo e por uma sobriedade profética particulares. Como elemento central, afirma-se que o ser humano diz de si, não quando deseja ou se projecta autonomamente, mas quando, escutando a voz imperativa da consciência, se vê constituído e empenhado diante do apelo incondicional do que é “justo”. Aqui, o dom teologal da fé é compreendido, essencialmente, como disposição responsorial, obediente e responsável, própria de quem coloca livremente a própria existência *coram Deo*.

Quadro III: O estilo de uma fé viva e visível em C. Theobald em que a atenção se concentra na noção de *estilo*, enquanto categoria estético-teológica capaz de redescobrir, de redizer e, sobretudo, de refazer, de modo criativo e fiel, o inédito cristão e a singularidade do “humano”. Tudo isto num contexto pluralista e agnóstico, acolhido como instância favorável para a identificação e a requalificação da identidade cristã. Aqui, a fé apresenta-se como *modo de habitar o mundo*. Antes de mais, é o nome da experiência elementar e radical de confiança no mistério que a vida é, e por meio da qual se enfrenta o seu carácter enigmático e se realizam as mais altas possibilidades éticas da humanidade que cada ser humano partilha.

Atravessados os três *Quadros*, segue-se uma quinta parte que os retoma e

os repropõe. Chamo-lhe *Sinopse de três estilos de dedicação teológica à vivência e à visibilidade da fé*. As diferentes posições entrecruzam-se a partir de cinco eixos temáticos: qual *kairós*, qual *gênese da fé* e qual *vivência*, qual *estilo de fé* e qual *visibilidade*, qual *identidade humana*, qual *rostro de Deus* emergem de cada paisagem, como se encontram e como se corrigem mutuamente?

O capítulo final – *Lugares e ritmos de composição da vivência e da visibilidade da fé* – retoma e repropõe o que recolhi com os autores, mas, agora, ao nível das “práticas” concretas da fé, a nível quer individual quer comunitário.

Resultados

1. *A fé como acto radicalmente humano*. Com a sinopse das três versões, registo um traço comum que sobressai nos três autores: *a fé nasce e realiza-se, de facto, como um acto muito humano de confiança na vida e de entrega confiante ao dom divino que se manifesta na história, e como história, em Jesus de Nazaré. Dispondo a Deus, a fé confirma, antes de mais, a existência humana como uma promessa*. É gesto livre de uma vida que se reconhece agraciada e salva, precisamente quando se vê visceralmente tocada pelo dom divino, dom que confirma a bênção que a própria existência é. Sendo, ao mesmo tempo, elementar e complexo, feliz e, por vezes, dramático, individual e relacional, não é estranho nem extrínseco a nenhum homem e a nenhuma mulher, de nenhum tempo ou lugar. E, porque é um acto sensível e responsável, afectivo e ponderado, livre e reconhecido, faz compreender, maturar e tornar fecunda a humanidade concretamente vivida. Exactamente porque se trata de um dom de vida que se radica, que implica e que qualifica a particularidade e a complexidade de todas as dimensões da nossa humanidade partilhada, a fé é questão de vida: é *digna de ser vivida*. E, porque é acto e estilo de vida, de uma vida biográfica e historicamente situada, assume forma *visível*.

2. *Lugares e ritmos de vitalidade e de visibilidade da fé*. Considero que os “lugares-ritmos”, identificados no último capítulo como “práticas crentes”, constituem um dos frutos mais significativos deste trabalho. Concentrei-me em cinco: a) *A iniciação à própria “parábola” de vida e à respectiva narração*, lugar elementar e ritmo de contínua introdução à fisionomia humana e à interioridade espiritual de cada um. Eventualmente, de inicia-

ção à oração. b) *A exercitação espiritual*, enquanto lugar e ritmo de invocação e disposição de si diante de Deus, sentido e saboreado internamente, segundo o método dos *Exercícios Espirituais* de S. Inácio de Loyola. c) *A prática simbólico-ritual*, em especial a *Eucaristia*, como lugar comunitário e ritmo partilhado onde cada um e cada coisa é assinalado por Deus invisível que Se faz presente no mistério pascal de Jesus e que orienta, de novo, ao concreto e à exigência de cada tempo e lugar. d) *O estilo do corpo eclesial*, como modo concreto de realização da vitalidade e da visibilidade da fé cristã, vivida entre o desígnio divino de salvação universal e o concreto dos tempo, lugares, biografias e comunidades. e) *A forma e a força da pietas*, convicção de que o dom da fé, sentido afectivamente e vivido visceralmente como experiência de libertação e de vitalidade, não poderá deixar de assumir a fisionomia da atenção, da hospitalidade e do dom efectivo de si a todos os que partilham a grandeza e a fragilidade da mesma humanidade.

O aceno a *lugares e a ritmos de composição da fé* é fruto de uma intenção particular. O *lugar* situa a disposição e o gesto humano que a fé é num espaço-tempo determinado e verificável. Precisamente, porque não poderá ser confundido com um vago e privado arrepio sentimental. O *ritmo* diz respeito à circulação dinâmica, ao cruzamento e à complementaridade das diversas dimensões humanas implicadas no acto de crer. A *composição* reenvia para a fé como um saber viver/saber fazer que atribui o justo peso e o justo lugar a cada elemento implicado. Assim, *lugares e ritmos de composição* apresentam-se como “práticas crentes”, nas quais Deus e a humanidade se dispõem um diante do outro e se correspondem, numa aliança que resgata e salvaguarda a justa afinidade, sem anular a insuperável diferença.

Verificando como nestas cinco “práticas” a *ressonância afectiva*, o *apelo ético* e o *estilo relacional* se entrecruzam realmente de modo plausível, amável e fecundo, confirmo também como nelas se realiza, de facto, a circulação da “correia de transmissão” entre a fé cristã e a vida humana elementar. São, pois, lugares e ritmos efectivos de geração e de exercício da fé: por elas, a fé cristã germina e realiza-se *em nós* e *entre nós*. Por isso, podem oferecer-se também como ocasião particularmente favorável – como *kairós* – e como campo fecundo para o testemunho e a transmissão da vitalidade e da visibilidade da fé.

3. A confirmação de um método e a afirmação de um estilo crente. Ainda

como fruto significativo deste percurso, realço a progressiva confirmação da fecundidade epocal do método usado. Sobretudo, parece-me poder dizer e realizar algo de promissor acerca de um estilo cristão que possa contribuir para a qualificação positiva do nosso tempo.

Antes de mais, pode contribuir para dar um estatuto teológico à *atenção à realidade* e à *respectiva descrição*, dispondo a uma maior benevolência para com o que é culturalmente inesperado e estranho, o que não significa perder a acutilância crítica e profética que é própria do evento cristão. Depois, pode favorecer uma *fidelidade* particular ao carácter fundador e insubstituível da revelação divina em Jesus de Nazaré. Trata-se de uma fidelidade comunitária e individual que reconhece não ser suficientemente fiel, sem assumir uma paixão real pela particularidade dos tempos, das biografias e das comunidades a quem o Evangelho se destina. Paralelamente, favorecerá uma *tensão criativa* que reconhece ser, não só permitida, mas promovida pelo próprio Evangelho. Atraída por uma realização garantida, mas que ainda tarda, é gerida na responsabilidade de se ter recebido um dom do Senhor que deve ser recriado e realizado por sujeitos concretos e por comunidades historicamente situadas. Também por isso, não poderá subtrair-se à autoridade do discernimento do corpo eclesial, dado ser este que, desde os primeiros discípulos até hoje, continua a garantir a realização, a celebração e o testemunho do mistério de Deus incarnado em Jesus de Nazaré.

Limites e aberturas

1. *O desejo de uma integração sapiencial de saber e vida.* O aprofundamento devido das questões a nível teórico não se sobrepôs ao motivo *kairológico* e pastoral que guiou em filigrana o conjunto do trabalho.

2. *A grande empatia para com a atmosfera e a prospectiva de pensamento de cada autor.* Tentando considerar e assumir a perspectiva de cada um, não pude não reconhecer que todos têm uma parte de razão e que as diferentes razões não se excluem. Pelo contrário, implicam-se e alargam-se reciprocamente. Dito isto, e também como justificação da maior extensão do capítulo dedicado a Sequeri, este autor permanece como aquele que oferece a orquestração mais ampla e mais exaustiva das questões estudadas.

3. *A articulação teológica entre consciência crente e práticas crentes.* A relevância teológica desta relação assumiu força particular ao longo do percurso. A sua operatividade ficou confirmada nos “lugares-ritmos” identificados no capítulo final. Porém, a nível teológico, a respectiva complementaridade e tensão ficou apenas acenada. A ulterior articulação teológica parece-me particularmente prometedora. Por isso, o campo permanece aberto a nível prático e teórico.